



Solidal reforça internacionalização e entra em novos segmentos

O mercado nacional de cabos e condutores eléctricos tende a retrair-se, sobretudo devido ao esforço de antecipação de investimentos efectuado pelos operadores. A Solidal, perante esta realidade, vai entrar no segmento de cabos subterrâneos de muito alta tensão e reforçar a internacionalização. Define também como prioridades a redução do endividamento e o reforço da sua estrutura financeira, como explicou Pedro Lima, presidente do conselho de administração da empresa, à “Vida Económica”.

Vida Económica – Qual o estado actual e futuro dos mercados da energia e das energias renováveis em Portugal?

Pedro Lima – No que respeita ao sector de cabos e condutores eléctricos, o mercado português tende a retrair-se, reflectindo o esforço de antecipação do investimento efectuado pelo operadores no ano passado, em articulação com as medidas conjunturais de combate à recessão adoptadas pelas autoridades. Dada a natureza de médio e longo prazos do planeamento de investimentos no sector, a improbabilidade de uma recuperação rápida da construção civil e o risco de dificuldades na obtenção de financiamento nos mercados internacionais por parte dos agentes económicos nacionais, dificilmente se poderá perspectivar a rápida substituição do investimento. A Solidal vai prosseguir o seu esforço de internacionalização para compensar a conjuntura negativa.

A nossa empresa conseguiu tornar-se um fornecedor de referência de cabos para a área das energias renováveis na Península Ibérica. É nossa intenção alargar a presença neste segmento de mercado, expandindo a base de clientes noutros países europeus, onde já estamos presentes noutros segmentos.

Racionalização dos custos

VE – No ano passado, a Solidal realizou um inves-

timento superior a oito milhões de euros. A que se destinou essa verba?

PL – Foi essencialmente aplicada em investimentos que permitem racionalizar o consumo de energia eléctrica na unidade fabril de Esposende e em equipamentos produtivos vocacionados para as gamas de maior valor acrescentado, condutores de liga e cabos de alta e muito alta tensões. Não obstante ter iniciado recentemente um plano de investimentos complementar, que ascenderá a cerca de 3,4 milhões de euros, por força da entrada no segmento de cabos subterrâneos de muito alta tensão mais cedo do que o previsto, a empresa vai continuar a privilegiar a redução do endividamento e o reforço da sua estrutura financeira.

VE – A Solidal terá registado lucros de sete milhões de euros, no passado, contra 5,4 milhões no exercício anterior. A que se deveu tal melhoria?

PL – O crescimento reflecte o melhor desempenho da função financeira, em resultado das baixas taxas de juro indexantes e os ganhos por via de operações de “hedging” de metais. Actualmente, a carteira de clientes conta com as principais “utilities” de energia eléctrica da Península Ibérica, França, Itália, Irlanda e Ilhas Britânicas. É nossa intenção consolidar as posições nesses mercados, alargando a base de clientes no sector eó-



O sector de cabos e condutores eléctricos tende a entrar em retração, de acordo com Pedro Lima.

lico e a gama de produtos vendidos nas “utilities”, com particular ênfase nos de maior valor acrescentado.

VE – A Solidal, há cerca de dois anos, passou por um processo de reestruturação. Quais as principais alterações introduzidas?

PL – Os esforços da gestão e da equipa comercial passaram a ser selectivamente dirigidos para os mercados e as gamas de produtos com maior potencial. Os planos e os orçamentos passaram a ser elaborados mediante planeamento estratégico, análise de mercados e investigação operacional sistemáticas. Os objectivos de planeamento deixaram de ser definidos unidireccionalmente, tendo passado a resultar da interacção entre o potencial detectado pelos responsáveis operacionais e os níveis ideais determinados pela equipa de gestão. Numa primeira fase, foi dada mais importância à optimização da gestão do fundo de maneo, o que permitiu à empresa melhorar a situação de tesouraria, ainda antes de ter obtido lucros de exploração acrescidos.

Numa segunda fase, a melhoria da situação de tesouraria foi consolidada pelo forte incremento dos lucros operacionais. Por fim, a situação financeira começou a melhorar em função dos meios libertos pela exploração, possibilitando reduzir o endividamento e autofinanciar investimentos.